

# Classes de comportamentos da atuação analítico-comportamental sobre comportamentos depressivos identificadas em literatura

Behavior classes of behavior-analytic practices on depressive behaviors identified in literature

Clases comportamentales de la actuación analítico-conductual sobre comportamientos depresivos identificados en literatura

Patricia El Horr de Moraes ✉

Universidade Federal de São Carlos



Gabriel Gomes de Luca ✉✉

Universidade Federal do Paraná

## RESUMO

A atuação de um psicoterapeuta é constituída por um conjunto de classes comportamentais que envolvem caracterizar necessidades de intervenção, planejar, executar, avaliar e aperfeiçoar intervenção e comunicar descobertas. Foi objetivo identificar classes de comportamentos da atuação profissional de um terapeuta analítico-comportamental ao intervir em comportamentos depressivos em contexto clínico. Foram selecionadas três fontes de informação (dois artigos e um capítulo de livro) e oito etapas foram realizadas para identificar, nessa literatura, tais classes de comportamentos e classificá-las conforme as classes gerais de uma intervenção profissional. Foram propostas 399 classes de comportamentos, 98% delas constituindo as classes gerais “Caracterizar necessidades”, “Planejar intervenção” e “Executar intervenção”. A proposição das classes de comportamentos aumenta a probabilidade de desenvolvimento delas em contextos formais de ensino. A falta de representatividade de outras classes gerais sugere necessidade de produção de conhecimento a respeito dos processos que as constituem.

*Palavras-chave:* depressão, comportamentos depressivos, atuação clínica, psicoterapia analítico-comportamental

## ABSTRACT

The professional practice of a psychotherapist is constituted by a set of behavior classes that involve characterizing intervention needs, planning, performing, evaluating, improving the intervention, and reporting the findings. The purpose of this study was to identify behavior classes of the professional practice of a behavior-analytic therapist when working with depressive behaviors in the clinical context. Three sources of information were selected (two articles and a book chapter), and eight steps were taken to identify behavior classes and categorize them according to general classes of a clinical intervention. A total of 399 behavior classes names were proposed, with the majority (98%) constituting the general classes “Characterizing needs”, “Planning intervention”, and “Executing intervention”. The proposition of behavior classes increases the probability of their development in formal contexts of teaching. The lack of representativeness of other general classes suggests that producing knowledge about the processes that constitute them is warranted.

*Keywords:* depression, depressive behaviors, clinical practice, behavior-analytic psychotherapy

## RESUMEN

El papel de un psicoterapeuta está constituido dentro de un conjunto de clases de comportamientos que consisten en caracterizar necesidades de intervención, planificar, ejecutar, evaluar y perfeccionar la intervención y comunicar resultados. El objetivo de este trabajo fue la de identificar las clases de comportamientos de la actuación profesional de un terapeuta analítico-conductual al intervenir en el comportamiento depresivo en contexto clínico. Se seleccionaron tres fuentes de información (dos artículos y un capítulo de libro), y ocho etapas fueron realizadas para identificar clases de comportamiento y clasificarlas conforme las clases generales de una intervención profesional. Se han propuesto 399 clases de comportamientos, 98% pertenece a las clases generales: “caracterizar necesidades”, “planificar intervención” y “ejecutar intervención”. La proposición de estas clases de comportamientos aumenta la probabilidad de su desarrollo en contextos formales de enseñanza. La falta de representatividad de otras clases generales sugiere necesidad de producción de conocimiento acerca de los procesos que las constituyen.

*Palabras clave:* depresión, comportamientos depresivos, actuación clínica, psicoterapia analítico-conductual

A compreensão e a produção de conhecimento acerca de processos psicológicos são necessárias para o desenvolvimento e a melhoria de intervenções profissionais em relação a eles. Isso parece especialmente importante no caso da depressão, cuja incidência atinge mais de 350 milhões de pessoas no mundo (OMS, 2012). Dentre a vasta gama de tratamentos disponíveis, uma delas é a terapia analítico-comportamental. Caracterizar os comportamentos a serem apresentados por um (a) terapeuta analítico-comportamental ao intervir em comportamentos depressivos em contexto clínico

parece ser uma forma de aumentar a probabilidade de capacitar terapeutas a intervir de forma eficiente em casos de depressão. Uma atuação profissional, segundo Kienen, Botomé, Kubo, Mattana e Shimbo (2003), é constituída por seis classes gerais de comportamentos, as quais podem ser descritas como: caracterizar necessidades sociais de intervenção, planejar intervenção, executar intervenção, avaliar intervenção, aperfeiçoar intervenção e comunicar descobertas.

A classe geral de comportamentos “Caracterizar necessidades sociais” é constituída por

comportamentos cujo objetivo é identificar e caracterizar a demanda e as necessidades de intervenção a partir dela. A classe geral “Planejar intervenções” refere-se às classes de comportamentos apresentadas em função das necessidades de intervenção caracterizadas e envolve decisões relativas às estratégias para constituir a intervenção em si. A classe geral de comportamentos “Executar intervenção” é composta por comportamentos apresentados pelo profissional para intervir diretamente nos comportamentos relativos à demanda caracterizada. “Avaliar intervenção” é referente a comportamentos com o objetivo de mensurar a efetividade das estratégias utilizadas. A classe geral de comportamentos “Aperfeiçoar a intervenção” refere-se a comportamentos cuja classe de estímulos antecedentes é composta pelas consequências dos comportamentos de “Avaliar intervenção”. Por fim, a última classe geral de comportamentos que caracterizam a intervenção profissional é “Comunicar descobertas”, que envolve a divulgação, comunicação e disseminação do conhecimento produzido por um profissional quando ele produz, em suas intervenções, descobertas que não são de conhecimento de sua categoria profissional. Essa classe de comportamentos é fundamental para estabelecer uma relação entre a comunidade acadêmica e científica de uma categoria profissional específica e os profissionais que nela atuam (Kienen et. al., 2003).

Identificar quais as classes de comportamentos constituintes de uma classe geral implica, primeiramente, um esclarecimento acerca da noção de comportamento e, também, do que constitui as classes de comportamento. Comportamento pode ser entendido como a interação entre a resposta de um organismo e o ambiente que a sucede e a antecede (Botomé, 2001, 2013; Skinner,

1969/1984). Uma decorrência dessa definição é que ela exige uma linguagem apropriada para nomear os comportamentos que as pessoas apresentam. Nomear comportamentos envolve usar verbos que descrevam a interação estabelecida e um complemento que indique o ambiente onde tal interação foi estabelecida, ou mesmo o resultado produzido por meio dela (Botomé, 2013). “Classes de comportamento”, por sua vez, consistem em conjuntos de ocorrências de comportamentos que são constituídos por interações funcionalmente similares entre classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes. O conceito de classe de comportamento possibilita agrupar as ocorrências de um comportamento (de mesmo tipo) em um mesmo conjunto (ou, mais tecnicamente, uma classe) de interações similares (Botomé, 2013; Kienen, 2008; Viecili, 2008). Por exemplo, ocorrências de comportamentos da classe “estudar” podem ser diferentes entre si, mas serão constituintes da mesma classe (a classe de comportamentos “estudar”) se configurarem um mesmo tipo de interação (por exemplo, a interação que produz aprendizagem).

Nesse sentido, o conceito de comportamento faz referência às ocorrências específicas dos comportamentos de uma classe, enquanto o conceito de classe de comportamento faz referência à categoria em que ocorrências de comportamentos com funções similares podem ser alocadas. Para além da noção de classes de comportamento, existe o conceito de classe geral de comportamentos, o qual diz respeito ao entendimento de que classes de comportamentos são constituídas por classes de comportamentos de menor abrangência, que constituem a classe geral de comportamentos (De Luca, 2013; Cortegoso & Coser, 2011; Kienen, 2008; Botomé, 1997). Um exemplo de classe geral de comportamentos é, novamente, “estudar”, que

pode ser constituída por classes de comportamentos menos abrangentes como “ler e escrever textos”, “fazer resumos”, “procurar informações”, “organizar dados”, entre outros (Cortegoso & Botomé, 2002). Assim como estudar, “intervir diretamente em processos psicológicos” também é uma classe geral, a qual é constituída pelas classes de comportamentos “Caracterizar necessidades sociais em relação a alterações em processos comportamentais”, “Projetar intervenções diretas relacionadas a processos comportamentais”, “Executar intervenções diretas relacionadas a processos comportamentais”, “Avaliar intervenções realizadas em relação a processos comportamentais”, “Aperfeiçoar intervenções em relação a processos comportamentais a partir de dados de avaliação” e “Comunicar descobertas feitas em intervenções em processos comportamentais” (Kienen et al., 2003; Mattana, 2004).

O processo de identificação das classes de comportamentos de uma classe geral tem como uma de suas funções aumentar a clareza do que constitui tal classe e, como decorrência, a probabilidade de ensinar os comportamentos que a constituem. Isso ocorre porque as classes de comportamentos identificadas podem ser elencadas como objetivos de ensino ou, mais precisamente, como comportamentos-objetivo em processos de ensinar e aprender, possibilitando seu desenvolvimento em diferentes contextos e tipos de objetivos (Bordignon-Luiz & Botomé, 2017; Botomé, 1997, 1981; De Luca, 2013; Kienen, 2008; Kienen, Kubo, & Botomé, 2013; Kubo & Botomé, 2001; Nale, 1998; Nascimento & Gusso, 2017; Vettorazzi et al., 2005). Diversas são as fontes de informação a partir das quais é possível identificar as classes de comportamentos constituintes de uma classe geral de comportamentos (Kienen et al., 2013; Nale, 1998). Algumas dessas fontes de informação são:

comportamentos apresentados por diferentes pessoas observados diretamente (e.g., Lamonato, 2011), depoimentos de pessoas observados a partir de entrevistas (e.g., Cortegoso, 2007; Nale & Drachenberg, 1992), documentos oficiais, como legislações, resoluções etc. (Kienen, 2008; Luiz, 2013; Rocha, 2017; Viecili, 2008) e literatura científica sobre a classe geral de comportamentos, como artigos científicos e capítulos de livro (e.g., De Luca, 2008, 2013; Luiz, 2008; Nascimento & Gusso, 2017).

Dentre os diferentes métodos para identificar os comportamentos de uma classe geral de comportamentos, a observação indireta destaca-se por suas vantagens. A observação indireta por meio de literatura envolve a possibilidade de alto grau de detalhamento na descrição das classes de comportamentos, em especial em comparação com a realização de entrevistas, por exemplo. Nas entrevistas há a possibilidade de o profissional entrevistado não se lembrar de algum comportamento ou não conseguir descrevê-lo de forma clara ou completa. Além disso, como esses estudos têm como objetivo a identificação dos comportamentos a serem apresentados, depoimentos nem sempre são fontes de informação apropriadas para isso, pois o entrevistado necessita ser um perito acerca da classe geral de comportamentos a ser caracterizada. A observação em literatura também apresenta vantagens em relação à observação direta de comportamentos, uma vez que, por meio desse procedimento, não é possível observar comportamentos “encobertos” (identificar, avaliar etc.) e nem sempre são perceptíveis os estímulos sob controle dos quais o comportamento está sendo descrito. Além disso, em uma atuação profissional, os comportamentos pré-requisito (comportamentos menos abrangentes cuja aprendizagem é necessária para apresentação de comportamentos mais abrangentes, como os de

constituintes da intervenção profissional; Viecili, 2008) não são apresentados. A caracterização, por meio da literatura, das classes de comportamentos constituintes de uma classe geral de comportamentos é um processo, portanto, que aumenta a clareza do que constitui tal classe geral e a probabilidade de um ensino eficiente e eficaz. Essas decorrências parecem importantes em relação a comportamentos profissionais constituintes da atuação de psicólogos analistas do comportamento, tais como a atuação em contexto clínico sobre comportamentos depressivos.

#### *Intervenções analítico-comportamentais em comportamentos depressivos em contexto clínico*

A literatura analítico-comportamental a respeito de intervenções em comportamentos depressivos em contexto clínico tem como alguns de seus principais fundamentos a identificação dos comportamentos que precisam ser modificados, das contingências ambientais que ajudam a manter esses comportamentos e das mudanças que o comportamento do indivíduo demanda do ambiente (Meyer, 2003; Ullmann & Krasner, 1962). Porém, em literatura, as classes de comportamentos constituintes da atuação do psicoterapeuta analítico-comportamental ao intervir na depressão não estão suficientemente descritas. Por exemplo, alguns estudos enfatizam técnicas, atividades ou modalidades terapêuticas (diferentes padrões de intervenção, como a ACT, FAP ou TCC) (e.g., Abreu, 2006; Campos, 2007; Dougher, & Hackbert, 2003; Lôbo, Vilarinho-Rezende, & Alencar, 2015), outros citam a importância da entrevista inicial para avaliação da queixa (e.g., Azevedo, Almeida, & Moreira, 2009) e outros estudam a depressão associada a outros comportamentos ou doenças físicas (Baptista, Morais, Calais, & Inocente, 2004; Botega, Furlanetto, & Fráguas, 2002). Há autores que afirmam a importância de uma parte do processo terapêutico, tal como a análise funcional

(e.g., Azevedo, Almeida, & Moreira, 2009; Campos, 2007; Delitti, 2000; Hunziker, 1997; Wielenska, 2001), a prática de *mindfulness* (Kozasa, Little, & Souza, 2015; Vanderbergue & Sousa, 2006) ou a relação terapêutica (Delitti, 2000). Por fim, há os que descrevem intervenções em a depressão como um conjunto complexo de comportamentos, podendo ser entendida a partir de uma explicação analítico-comportamental de comportamentos denominados depressivos (Abreu, 2006; Cavalcante, 1997; Delitti, 2000; Dougher & Hackbert, 2003; Ferreira, Tadaiesky, Coêlho, Neno, & Tourinho, 2010; Hunziker, 1997, 2006; Wielenska, 2001), e os que estudam o fenômeno da depressão a partir da sua relação com as contingências culturais (Ferreira & Tourinho, 2011; Nico, Leonardi & Zeggio, 2015).

A partir desses estudos, é possível concluir que em literatura analítico-comportamental sobre intervenção em depressão em contexto clínico, as classes de comportamentos constituintes dessa atuação não estão suficientemente descritas. Por conta disso, a identificação das classes de comportamentos é necessária por explicitar não apenas a resposta a ser apresentada pelo terapeuta, mas também a interação entre elas e os ambientes antecedente e conseqüente a ela, maximizando a possibilidade de desenvolver essas classes de comportamentos em contextos formais de ensino e prática. À vista disso, o objetivo do presente estudo foi identificar quais as classes de comportamentos constituintes da atuação profissional de um terapeuta analítico-comportamental ao intervir em comportamentos depressivos em contexto clínico. Para tanto, foi selecionada uma amostra constituída por três fontes de informação (dois artigos e um capítulo de livro), e, a partir dela, foram realizadas oito etapas cuja finalidade era identificar, nessa literatura, tais classes de comportamentos e classificá-las conforme as classes gerais de uma intervenção profissional.

## MÉTODO

### *Fontes de informação*

A busca por fontes de informação foi realizada na base de dados on-line Scielo com as seguintes palavras-chave: depressão; comportamentos depressivos; terapia analítico-comportamental; análise do comportamento; clínica. Essas mesmas palavras-chave foram utilizadas para a busca de livros em sites de livrarias. Outra fonte de busca foram os volumes de *Sobre Comportamento e Cognição* por constituírem grande acervo de produções da área. Dentre as fontes encontradas, foram selecionadas as que pelo título (e resumo, quando presente) sugeriam informações que possibilitassem evidenciar as classes de comportamentos do terapeuta analítico-comportamental ao intervir em comportamentos depressivos em contexto clínico ou no processo de depressão. A partir disso, foi selecionada uma amostra de três fontes de informação relacionadas a aspectos distintos da atuação de um psicoterapeuta analítico-comportamental ao intervir em comportamentos depressivos. São elas:

- (1) Wielenska, R. C. (2015) Terapia Analítico-Comportamental da depressão. In A. C. C. P. Bittencourt, E. C. A. Neto, M. E. Rodrigues, & N. B. Araripe (Eds.), *Depressão: Psicopatologia e Terapia Analítico-Comportamental* (pp. 57-62). Curitiba: Juruá.
- (2) Cardoso, L. R. D. (2011). Psicoterapias comportamentais no tratamento da depressão. *Psicologia Argumento*, 29(67), 479-489.
- (3) Otero, V. R. L. (1997) Análise funcional de um caso clínico de depressão. In M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental* (Vol. 2, pp. 195-202). São Paulo: Arbytes.

Wielenska (2015) aborda de maneira mais geral intervenções comportamentais sobre comportamentos depressivos e, portanto, possibilita identificar classes de comportamentos básicos que constituem qualquer tipo de intervenção a ser realizada por um psicoterapeuta analítico-comportamental ao lidar com comportamentos depressivos; Cardoso (2011) foi selecionada por fazer referência a diversas modalidades terapêuticas, o que possibilitaria identificação de classes de comportamentos que são específicas a cada uma delas; por fim, Otero (1997) foi selecionada por constituir um exame com ênfase na caracterização e análise funcional do comportamento depressivo.

### *Materiais e instrumentos*

Os materiais utilizados foram um computador e dois protocolos de observação (representados nas Tabelas 1 a 4).

### *Procedimento*

O procedimento foi constituído por oito etapas (baseadas em Botomé, 1997; De Luca, 2008; Kienen, 2008; Luiz, 2008; Viecili, 2008).

*Etapa 1.* Ao ser realizada a leitura das obras, foram selecionados trechos que continham pelo menos um verbo (no infinitivo ou substantivado) e o seu complemento, que faziam referência a atuações do psicoterapeuta analítico-comportamental ao lidar com comportamentos depressivos ou que constituíam essa classe geral de comportamentos. Na obra de Otero (1997), cuja ênfase é a análise de um processo depressivo, a etapa de seleção de trecho teve como critério também a presença de informações acerca de qualquer variável relacionada a componentes de comportamentos a serem apresentados pelo psicoterapeuta ao intervir na depressão em contexto clínico.

*Etapa 2.* Em cada trecho foram identificadas e destacadas em negrito as partes que descreviam possíveis componentes de classes de comportamentos, mesmo que estivessem descritos de forma incompleta ou pouco clara. O objetivo dessa etapa consistiu em tornar mais explícitas para

o próprio pesquisador as informações referentes a classes de componentes de comportamentos constituintes da atuação do psicoterapeuta analítico-comportamental ao intervir em comportamentos depressivos.

Tabela 1

*Representação das Etapas 1 a 5 do procedimento desenvolvido em relação ao Trecho 6 (Fragmento 1) selecionado de uma das obras utilizadas como fonte de informação*

1. Selecionar trechos Trecho 6	2. Destacar partes Trecho 6		
<p>“A terapia consiste em ajudar a pessoa a delinear um plano de ação que a afaste das esquivas prejudiciais e a aproxime de respostas capazes de produzir reforçadores, num contexto de vida com significado, sempre levando em conta os valores que norteiam a vida da pessoa”.</p> <p>(Wielenska, 2015, p. 59).</p>	<p>“<b>A terapia</b> consiste em <b>ajudar a pessoa a delinear um plano de ação que a afaste das esquivas prejudiciais e a aproxime de respostas capazes de produzir reforçadores</b>, num contexto de vida com significado, sempre <b>levando em conta os valores que norteiam a vida da pessoa</b>”.</p> <p>(Wielenska, 2015, p. 59).</p>		
3. Fragmentar trechos			
<p>Trecho 6</p> <p>“<b>A terapia</b> consiste em <b>ajudar a pessoa a delinear um plano de ação que a afaste das esquivas prejudiciais e a aproxime de respostas capazes de produzir reforçadores</b>, num contexto de vida com significado, sempre <b>levando em conta os valores que norteiam a vida da pessoa</b>”.</p> <p>(Wielenska, 2015, p.59)</p>	<p>Fragmento 1. <b>ajudar a pessoa a delinear um plano de ação que a afaste das esquivas prejudiciais [...]</b>, num contexto de vida com significado, sempre <b>levando em conta os valores que norteiam a vida da pessoa</b>”. (sujeito: terapia)</p> <p>Fragmento 2. <b>ajudar a pessoa a delinear um plano de ação que a [...]</b> <b>a aproxime de respostas capazes de produzir reforçadores</b>, num contexto de vida com significado, sempre <b>levando em conta os valores que norteiam a vida da pessoa</b>. (sujeito: terapia)</p>		
4. Identificar componentes de comportamentos			
Trecho 6	Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes
<p>Fragmento 1. <b>ajudar a pessoa a delinear um plano de ação que a afaste das esquivas prejudiciais (...)</b>, num contexto de vida com significado, sempre <b>levando em conta os valores que norteiam a vida da pessoa</b>. (sujeito: terapia)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Terapia</li> <li>- Apresentação de esquivas prejudiciais</li> <li>- Valores que norteiam a vida da pessoa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ajudar a pessoa a delinear um plano de ação que a afaste das esquivas prejudiciais</li> </ul>	

*Etapa 3.* Quando os trechos eram constituídos por mais de um verbo ou mais de um complemento, eles foram fragmentados em unidades até serem constituídos por um único verbo e um único complemento para criar condições para realização das etapas seguintes. Para cada fragmento foi identificado o sujeito da frase. Quando a redação do fragmento fazia referência ao comportamento de outro sujeito que não o psicoterapeuta (por exemplo, o cliente), a redação era modificada de forma a fazer referência ao comportamento do terapeuta. Exemplo: se a redação for “relatar queixa” (sujeito:

cliente), a redação era alterada para “solicitar ao cliente para relatar queixar” (sujeito: terapeuta).

*Etapa 4.* Nessa etapa foi utilizado o *Protocolo de observação de possíveis componentes*. Em cada fragmento foram identificados os possíveis componentes (classes de estímulos antecedentes, classes de respostas ou classes de estímulos consequentes) de classes de comportamentos a partir dos destaques (feitos na Etapa 2) e registrados de acordo com a(s) variável(s) a(s) qual(is) se referem. A definição de comportamento e de seus

componentes (Botomé, 2013) foi usada como critério para a identificação de componentes.

*Etapa 5.* Após a identificação de componentes de classes de comportamentos, outros componentes não explicitamente presentes no trecho selecionado ou no fragmento foram derivados. Quando não havia, por exemplo, a descrição de um dos componentes, a derivação era feita a partir das seguintes perguntas: “O que é necessário no ambiente para que essa resposta seja apresentada?” (classe de estímulos antecedentes), “O que o terapeuta precisa fazer, nesse ambiente, para produzir tais consequências?” (classe de resposta), “O que ocorre, nesse ambiente, depois da apresentação de tal resposta?” (classe de estímulo

Tabela 2

*Representação da Etapa 5 do procedimento desenvolvido em relação ao Trecho 6 (Fragmento 1) selecionado de uma das obras utilizadas como fonte de informação*

5. Derivar componentes de comportamentos		
Classes de estímulos antecedentes	Classes de respostas	Classes de estímulos consequentes
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Terapia</li> <li>- Apresentação de esquivas prejudiciais</li> <li>- Valores que norteiam a vida da pessoa</li> <li>- Necessidade de afastamento das esquivas prejudiciais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ajudar a pessoa a delinear um plano de ação que a afaste das esquivas prejudiciais</li> <li>- Identificar os valores que norteiam a vida da pessoa</li> <li>- Identificar as esquivas prejudiciais</li> <li>- Conceituar comportamento de esquiva</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ajuda recebida para delinear um plano de ação que afaste a própria das esquivas prejudiciais</li> <li>- Aumento da probabilidade de o cliente apresentar comportamentos que não sejam de esquiva</li> <li>- Aumento da clareza da importância de aprender comportamentos alternativos para situações aversivas</li> <li>- Valores que norteiam a vida da pessoa, identificados</li> <li>- Aumento da clareza da influência dos valores pelos quais os comportamentos do cliente ficam sob controle para a apresentação de comportamentos que não sejam de esquiva</li> <li>- Esquivas prejudiciais, identificadas</li> <li>- Aumento da probabilidade de intervir nos comportamentos de esquiva</li> <li>- Esquiva conceituada</li> <li>- Aumento da probabilidade de identificar esquivas prejudiciais</li> </ul>

Trecho 6

Fragmento 1. **ajudar a pessoa a delinear um plano de ação** que a afaste das esquivas prejudiciais, num contexto de vida com significado, sempre **levando em conta os valores que norteiam a vida da pessoa.** (sujeito: terapia)

*Etapa 6.* A linguagem utilizada para descrever os componentes de classes de comportamentos foi avaliada e apropriada quando não condizia com tais critérios: utilização de termos específicos da

consequente). Quando havia, porém, apenas a descrição de um dos componentes, as perguntas eram: “Nesse ambiente descrito, quais respostas o terapeuta pode apresentar e quais as possíveis consequências dessas respostas?” (classe de respostas e classe de estímulos consequentes), “Diante de quais ambientes o terapeuta poderia apresentar tal resposta e, diante disso, quais seriam as consequências dessa resposta?” (classe de estímulos antecedentes e classe de estímulos consequentes) e “Qual resposta (e em qual ambiente) poderia produzir tais consequências?” (classes de estímulos antecedentes e classe de respostas). As respostas a essas perguntas consistiam em classes de componentes derivadas.

Análise do Comportamento, clareza, precisão e concisão.

*Etapa 7.* A partir dos componentes identificados ou derivados, foram nomeadas classes de

comportamentos utilizando um verbo e um complemento de forma a especificar a interação a ser estabelecida pelo psicoterapeuta. As repetições

de nomes de classe de comportamentos foram excluídas.

Tabela 3

*Representação da Etapa 6 do procedimento desenvolvido em relação ao Trecho 6 (Fragmento 1) selecionado de uma das obras utilizadas como fonte de informação*

<i>6. Avaliar linguagem utilizada para descrever componentes</i>		
<i>Classes de estímulos antecedentes</i>	<i>Classes de respostas</i>	<i>Classes de estímulos consequentes</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação do cliente na terapia</li> <li>- Esquivas prejudiciais</li> <li>- Valores pessoais sob o controle dos quais fica o comportamento do cliente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Capacitar o cliente a delinear um plano de ação com comportamentos que não sejam de esquiva em situações aversivas</i></li> <li>- <i>Identificar os valores pessoais pelos quais os comportamentos do cliente ficam sob controle</i></li> <li>- <i>Identificar os comportamentos de esquiva que são prejudiciais para o cliente</i></li> <li>- <i>Conceituar comportamento de esquiva</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Cliente capacitado a delinear um plano de ação com comportamentos que não sejam de esquiva</i></li> <li>- <i>Aumento da probabilidade de o cliente apresentar comportamentos que não sejam de esquiva</i></li> <li>- <i>Aumento da clareza da importância de aprender comportamentos alternativos para situações aversivas</i></li> <li>- <i>Valores pessoais pelos quais os comportamentos do cliente ficam sob controle identificados</i></li> <li>- <i>Aumento da clareza da influência dos valores pelos quais os comportamentos do cliente ficam sob controle para a apresentação de comportamentos que não sejam de esquiva</i></li> <li>- <i>Comportamentos de esquiva que são prejudiciais para o cliente identificados</i></li> <li>- <i>Aumento da probabilidade de intervir nos comportamentos de esquiva</i></li> <li>- <i>Esquiva conceituada</i></li> <li>- <i>Aumento da probabilidade de identificar esquivas prejudiciais</i></li> </ul>

Trecho 6

Fragmento 1. **ajudar a pessoa a delinear um plano de ação** que a afaste das esquivas prejudiciais.

*Etapa 8.* Cada classe de comportamentos nomeada na etapa anterior foi classificada em uma das seis classes gerais de comportamentos que constituem uma intervenção profissional, conforme Kienen et al. (2003), as quais consistem em: caracterizar necessidades sociais de intervenção, planejar intervenção, executar intervenção, avaliar intervenção, aperfeiçoar intervenção e comunicar descobertas. Na classe “caracterizar necessidades sociais” foram classificados nomes de classes de comportamentos relativos à caracterização da queixa do cliente e de seu repertório comportamental anteriormente à conclusão, por

parte do terapeuta, de que o comportamento do cliente é depressivo. Os nomes de classes de comportamentos relativas à caracterização de classes de comportamentos do cliente que faziam referência ao seu estado depressivo foram classificadas na classe “planejar intervenção”, uma vez que as características do repertório comportamental do cliente influenciam o modo como a intervenção será planejada e posteriormente conduzida). As classes de comportamentos distribuídas em cada uma dessas classes gerais foram agrupadas em categorias relacionadas aos aspectos a que se referiam.

Tabela 4

Representação da Etapa 7 do procedimento desenvolvido em relação ao Trecho 6 (Fragmento 1) selecionado de uma das obras utilizadas como fonte de informação

7. Propor nomes de classes de comportamentos		
<p>Trecho 6</p> <p>Fragmento 1. <b>ajudar a pessoa a delinear um plano de ação que a afaste das esquivas prejudiciais</b></p>	<p>- Participação do cliente na terapia</p> <p>- Esquivas prejudiciais</p> <p>- Valores pessoais sob o controle dos quais fica o comportamento do cliente</p>	<p>Capacitar o cliente a delinear um plano de ação com comportamentos que não sejam de esquiva em situações aversivas</p> <p><b>Capacitar o cliente a delinear um plano de ação com comportamentos que não sejam de esquiva em situações aversivas</b></p>
	<p>- Participação do cliente na terapia</p> <p>- Esquivas prejudiciais</p> <p>- Valores pessoais sob o controle dos quais fica o comportamento do cliente</p>	<p>Identificar os valores pessoais pelos quais os comportamentos do cliente ficam sob controle</p> <p><b>Identificar os valores pessoais pelos quais os comportamentos do cliente ficam sob controle</b></p>
	<p>- Participação do cliente na terapia</p> <p>- Esquivas prejudiciais</p> <p>- Valores pessoais sob o controle dos quais fica o comportamento do cliente</p>	<p>Identificar os comportamentos de esquiva que são prejudiciais para o cliente</p> <p><b>Identificar os comportamentos de esquiva que são prejudiciais para o cliente</b></p>
	<p>- Participação do cliente na terapia</p> <p>- Esquivas prejudiciais</p> <p>- Valores pessoais sob o controle dos quais fica o comportamento do cliente</p>	<p>Conceituar comportamento de esquiva</p> <p><b>Conceituar comportamento de esquiva</b></p>

Nas Tabelas 1 a 4 está representado um exemplo do desenvolvimento das etapas do procedimento e de seus respectivos resultados. Na primeira delas, consta um exemplo das Etapas 1 a 4. No alto da tabela está ilustrada a Etapa 1, *Selecionar trecho*, na qual o resultado apresentado é o Trecho 6, selecionado de Wielenska (2015). À sua direita está representada a Etapa 2, *Destacar partes* do trecho

selecionado que fazem referência a informações relativas a componentes de comportamentos básicos constituintes da atuação do psicoterapeuta ao intervir na depressão em contexto clínico. Essas partes estão representadas em negrito. Abaixo dessas duas etapas é mostrado um exemplo da Etapa 3, *Fragmentar trechos*. Conforme a tabela, o trecho está dividido em dois fragmentos. Essa divisão

decorreu de o trecho ser constituído por um verbo e uma parte comum (“ajudar a pessoa a delinear um plano de ação que”), mas por dois complementos distintos (“a pessoa a delinear um plano de ação que a afaste das esquivas prejudiciais” e “a aproxime de respostas capazes de produzir reforçadores”). Nesses dois trechos, o sujeito da frase é a “terapia”.

A partir da representação da Etapa 4, o exemplo faz referência apenas ao Fragmento 1: “Fragmento 1. ajudar a pessoa a delinear um plano de ação que a afaste das esquivas prejudiciais [...] num contexto de vida com significado, sempre levando em conta os valores que norteiam a vida da pessoa”. A Etapa 4 consiste na identificação de componentes de comportamentos básicos constituintes da atuação do psicoterapeuta ao intervir em comportamentos depressivos em contexto clínico. Nessa etapa foi utilizado o *Protocolo de observação de possíveis componentes*. Ele é constituído por duas linhas e três colunas que representam a noção de comportamento como interação entre classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes (Botomé, 2013). Cada uma das colunas desse protocolo representa um desses componentes de um comportamento. Conforme a tabela, a partir do Fragmento 1, foram identificadas três classes de estímulos antecedentes, uma classe de resposta e nenhuma classe de estímulos consequentes.

Na Tabela 2 está representado um exemplo do desenvolvimento da Etapa 5 do procedimento e de seus respectivos resultados que consiste na derivação de componentes de classes de comportamentos básicos constituintes da atuação do psicoterapeuta analítico-comportamental ao intervir em comportamentos depressivos em contexto clínico. O trecho e o fragmento apresentados nesse exemplo são os mesmos da tabela anterior. As classes de componentes derivadas estão representadas em itálico. São elas: a classe de estímulo antecedente “necessidade de afastamento

das esquivas prejudiciais”; três classes de respostas “identificar os valores que norteiam a vida da pessoa”, “identificar as esquivas prejudiciais” e “conceituar comportamento de esquiva”; bem como todas as nove classes de estímulos consequentes apresentadas.

Na Tabela 3 consta a representação da Etapa 6 do procedimento, que consiste em avaliar a linguagem utilizada para se referir aos componentes das classes de comportamentos. Nessa tabela constam exemplos de expressões e termos utilizados para descrever as classes de componentes identificados ou derivados substituídos por descrições de classes de componentes mais claras. Por exemplo, em relação aos estímulos antecedentes, a linguagem utilizada para descrever as classes “terapia” e “apresentação de esquivas prejudiciais” não sofreu alterações. Por sua vez, a classe “valores que norteiam a vida da pessoa” (cf. Tabela 2) foi substituída pela classe “valores pessoais sob o controle dos quais fica o comportamento do cliente”. A linguagem da classe de respostas “Ajudar a pessoa a delinear um plano de ação que a afaste das esquivas prejudiciais”, constituída pelo verbo “ajudar” e pela expressão metafórica “que a afaste das esquivas prejudiciais” foi substituída por “Capacitar o cliente a delinear um plano de ação com comportamentos que não sejam de esquiva em situações aversivas”, constituída pelo verbo “capacitar”. Como exemplo de classes de estímulo consequente cuja linguagem foi alterada, na Tabela 6 consta “Cliente capacitado a delinear um plano de ação com comportamentos que não sejam de esquiva”, que substituiu a classe “Ajuda recebida para delinear um plano de ação que afaste a própria das esquivas prejudiciais”. Com essas alterações, a identificação do sujeito da frase pôde ser retirada da tabela, já que todos os componentes foram modificados para se referir ao comportamento do terapeuta.

Na Tabela 4 é apresentado um exemplo da Etapa 7, que consiste na “proposição de nomes de classes de comportamentos”. Os nomes das classes de comportamentos foram propostos a partir dos componentes de comportamentos identificados ou derivados a partir do Fragmento 1 do Trecho 6. Nessa tabela constam quatro nomes de classes de comportamentos. Eles estão representados em negrito sob as classes de componentes utilizadas para propô-los. São eles: “capacitar o cliente a delinear um plano de ação com comportamentos que não sejam de esquiva em situações aversivas”, “identificar os valores pessoais sob o controle dos quais ficam os comportamentos do cliente”, “identificar os comportamentos de esquiva que são prejudiciais para o cliente” e “conceituar comportamento de esquiva”. Em relação a todas essas classes de comportamentos, o nome da classe de comportamentos é similar à descrição da classe de respostas, uma vez que foi avaliado que a descrição da classe de resposta descrevia um tipo de interação a ser estabelecido pela pessoa, e não uma ação apresentada.

## RESULTADOS

O desenvolvimento da primeira etapa do método nas obras utilizadas como fonte de informação resultou em 138 trechos selecionados. Desses trechos, 31 foram selecionados em Wielenska (2015), 51 em Cardoso (2011) e 56 em Otero (1997). A etapa de fragmentação dos trechos selecionados foi aplicada em 47 trechos, resultando em 128 fragmentos de trechos. A partir deles, foram propostos 448 nomes de classes de comportamentos, dos quais 49 eram repetidos. Com sua exclusão, foram explicitadas ao total 399 classes de comportamentos constituintes da atuação do psicoterapeuta analítico-comportamental ao intervir em comportamentos depressivos em contextos clínicos.

Os nomes das classes de comportamentos foram distribuídos nas seis classes gerais que caracterizam uma intervenção terapêutica. Na Figura 1 é apresentada a quantidade de classes de comportamentos propostas a partir das obras selecionadas organizadas dentro de cada uma das seis classes gerais que caracterizam uma intervenção terapêutica.

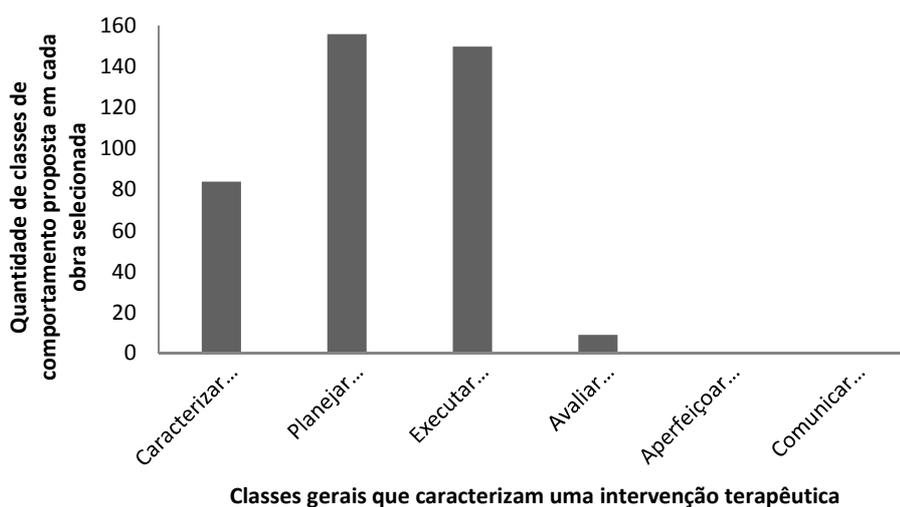


Figura 1. Quantidade de classes de comportamentos propostas a partir das obras selecionadas organizadas dentro de cada uma das seis classes gerais que caracterizam uma intervenção terapêutica

As classes gerais “Planejar intervenção” e “Executar intervenção” foram as que tiveram maior predominância nas classes de comportamentos

propostas, com 155 e 150 classes de comportamentos, respectivamente. Essas duas classes gerais, juntas, com 306 classes de

comportamentos, correspondem a aproximadamente 77% das classes de comportamentos propostas. Na classe geral “Caracterizar necessidades sociais de intervenção” foram distribuídas 84 classes de comportamentos (aproximadamente 21%), enquanto na classe “Avaliar intervenções” foram

distribuídas nove classes de comportamentos (aproximadamente 2%). Por fim, nas duas últimas classes gerais de comportamentos (“Aperfeiçoar intervenções” e “Comunicar descobertas”) não foi distribuída classe de comportamento proposta a partir das obras selecionadas.

Tabela 5

*Exemplos de classes de comportamentos constituintes da classe geral “Caracterizar necessidades sociais de intervenção em contexto clínico”*

Subclasses da classe geral “Caracterizar intervenção” e exemplos de seus constituintes
<p><i>Classes de comportamentos relativas ao Caso Clínico (30)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Avaliar caso clínico do cliente</li> <li>Analisar as situações-problema do cliente</li> <li>Investigar histórico de interações sociais do cliente</li> <li>Investigar histórico depressivo do cliente</li> <li>Identificar histórico de sentimentos do cliente</li> </ul>
<p><i>Classes de comportamentos relativas às Características do Cliente (20)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Examinar a cultura na qual o indivíduo está inserido</li> <li>Conceituar o que é cultura</li> <li>Identificar hábitos alimentares do cliente</li> <li>Identificar hábitos de lazer do cliente</li> <li>Conceituar hábitos de lazer</li> </ul>
<p><i>Classes de comportamentos relativas à terapia (3)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Conceituar o que é terapia</li> <li>Identificar quais são as etapas de uma terapia</li> <li>Conceituar análise</li> </ul>
<p><i>Classes de comportamentos relativas à queixa do cliente (8)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Caracterizar queixa do cliente</li> <li>Investigar as contingências relacionadas à queixa do cliente</li> <li>Registrar as queixas do cliente relacionadas ao problema</li> <li>Identificar as queixas do cliente relacionadas ao problema</li> <li>Solicitar mais informações a respeito da queixa do cliente</li> </ul>
<p><i>Classes de comportamentos relativas às estratégias de enfrentamento (9)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar o uso de medicamentos homeopatas pelo cliente</li> <li>Conceituar medicamentos homeopatas</li> <li>Investigar o efeito de medicamentos homeopatas</li> <li>Investigar o resultado da avaliação psiquiátrica</li> <li>Investigar outras intervenções pelas quais o cliente já passou</li> </ul>
<p><i>Classes de comportamentos relativas à História de Vida do Cliente (14)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Investigar história de vida do cliente</li> <li>Conceituar história de vida</li> <li>Investigar infância do cliente</li> <li>Investigar lembranças significativas para o cliente</li> <li>Investigar os momentos mais significativos da vida do cliente</li> </ul>

Na Tabela 5 estão apresentados os nomes das classes de comportamentos que compõem a classe geral “Caracterizar necessidades sociais de intervenção”. Essas classes de comportamentos estão subdivididas em seis classes menos abrangentes, relativas ao caso clínico, às características do

cliente, à terapia, à queixa do cliente, às estratégias de enfrentamento do cliente e à história de vida do cliente. Nessa tabela são apresentados cinco exemplos de cada uma dessas subclasses, sendo que ao lado de cada subtítulo há o número de quantas

classes de comportamentos propostas são constituintes dessa subclasse.

Na tabela 6 constam exemplos de nomes de classes de comportamentos que constituem a classe geral “Planejar intervenção”, a qual está subdividida em seis classes menos abrangentes relativas ao planejamento da estrutura das sessões, aos eventos privados do cliente, às características do comportamento depressivo, à investigação de

possibilidades de intervenção, a conceitos e fundamentos de intervenções e ao planejamento da intervenção propriamente dito. Na tabela são apresentados cinco exemplos de cada uma das seis classes de comportamentos menos abrangentes da classe geral “Planejar intervenção” e a quantidade de nomes de classes de comportamentos propostas e classificadas dentro de cada subclasse está representada ao lado do seu respectivo nome.

Tabela 6

*Exemplos de classes de comportamentos constituintes da classe geral “Planejar intervenção em comportamentos depressivos em contexto clínico”*

Subclasses da classe geral “Planejar intervenção” e exemplos de seus constituintes
<i>Classes de comportamentos relativas ao Planejamento da Estrutura das Sessões (3)</i>
Estruturar as sessões por meio de cinco regras da ACT Identificar a importância do acolhimento na intervenção de comportamentos depressivos Conceituar acolhimento
<i>Classes de comportamentos relativas aos Eventos Privados do Cliente (50)</i>
Identificar iniciativa do cliente Investigar repertório discriminativo do cliente Identificar sentimento de desânimo no cliente Identificar eventos aversivos para o cliente Identificar esquivas emocionais
<i>Classes de comportamentos relativas às Características do Comportamento Depressivo (32)</i>
Identificar decréscimo na frequência de determinadas respostas Investigar habilidades sociais do cliente Identificar a história específica dos comportamentos depressivos no cliente Identificar sentimentos de disforia Identificar alteração na frequência da interação social do cliente
<i>Classes de comportamentos relativas à Investigação de possibilidades de intervenção (43)</i>
Investigar alternativas para as regras que controlam o comportamento do cliente Identificar funções dos comportamentos depressivos Investigar as atividades anteriormente prazerosas para o cliente Identificar os eventos que antecedem e sucedem o comportamento Identificar comportamentos que favorecem a manutenção do estado depressivo
<i>Classes de comportamentos relativas a conceitos e fundamentos de Intervenções (25)</i>
Caracterizar comportamentos ativos e produtivos Conceituar cuidados multiprofissionais integrados Caracterizar estratégias de curta duração Definir variação topográfica Diferenciar a variação topográfica da variação funcional
<i>Classes de comportamentos relativas ao Planejamento da Intervenção propriamente dito (3)</i>
Planejar estratégias de curta duração Planejar intervenção terapêutica Planejar intervenções que promovam a extinção dos respondentes condicionados pareados a contingências aversivas

Na Tabela 7 são apresentados exemplos de nomes de classes de comportamentos que constituem a classe geral “Executar intervenção”. As 150 classes

de comportamentos classificadas nessa classe geral estão subdivididas em nove subclasses, e, ao lado de cada nome de subclasse, é apresentado o número de

classes de comportamentos constituintes. As subclasses são representadas por três exemplos e são relativas à relação terapêutica, a procedimentos típicos de diferentes modalidades terapêuticas, a técnicas terapêuticas, à intervenção conjunta a outros profissionais a serem apresentados durante a

Tabela 7

*Exemplos de classes de comportamentos constituintes da classe geral “Executar intervenção em comportamentos depressivos em contexto clínico”*

sessão terapêutica, ao envolvimento de pessoas significativas para o cliente na intervenção, à interação do terapeuta com o cliente, ao processo terapêutico e ao desenvolvimento de repertório comportamental no cliente.

Subclasses da classe geral “Executar intervenção” e exemplos de seus constituintes	
<i>Classes de comportamentos relativas à Relação Terapêutica (13)</i>	
	Construir um relacionamento de confiança com o cliente Construir um relacionamento de respeito mútuo com o cliente Desenvolver uma relação com o cliente que seja motivadora e ativa
<i>Classes de comportamentos relativos a Procedimentos típicos de diferentes modalidades terapêuticas (10)</i>	
	Evocar CRBs Evocar os comportamentos-problema durante a sessão Observar a emissão dos comportamentos clinicamente relevantes (CRBs) <sup>1</sup>
<i>Classes de comportamentos relativas à Técnicas Terapêuticas (14)</i>	
	Utilizar diferentes recursos terapêuticos Utilizar estratégia do desamparo criativo Utilizar metáforas, paradoxos e exercícios experienciais
<i>Classes de comportamentos relativas à intervenção conjunta a outros profissionais (4)</i>	
	Enfatizar diferentes possibilidades de compreensão de um caso clínico Solicitar a outro profissional que analise funcionalmente a mesma história de vida Cercar o cliente de cuidados multiprofissionais integrados
<i>Classes de comportamentos a serem apresentadas durante a sessão terapêutica (16)</i>	
	Comportar-se empaticamente Analisar funcionalmente os comportamentos-problema do cliente Utilizar como apoio sua história de vida pessoal e profissional
<i>Classes de comportamentos relativas ao envolvimento de pessoas significativas para o cliente na intervenção (4)</i>	
	Alinhar objetivos da intervenção com alguém significativo para o cliente Expor à pessoa mais próxima do cliente a proposta de intervenção Investigar a implicação, para o cliente, de entrar em contato com alguém significativo
<i>Classes de comportamentos relativas à interação do terapeuta com o cliente (17)</i>	
	Esclarecer ao cliente como regras podem controlar os comportamentos Esclarecer para o cliente a diferença entre a pessoa que se comporta e o comportamento Esclarecer para o cliente que a estratégia atual de resolução de problema é ineficaz
<i>Classes de comportamentos relativas ao processo terapêutico (23)</i>	
	Ampliar o acesso do cliente a reforçadores Alterar as contingências que estão mantendo os comportamentos depressivos do cliente Intervir sobre os comportamentos de esquiva do cliente
<i>Classes de comportamentos relativas ao desenvolvimento de repertório comportamental no cliente (59)</i>	
	Capacitar o cliente a aceitar os seus sentimentos Capacitar o cliente a alterar os comportamentos abertos em vez de controlar os encobertos Capacitar o cliente a apresentar comportamentos mais ativos e produtivos

Por fim, na Tabela 8 estão apresentadas as nove classes de comportamentos constituintes da classe

geral “Avaliar intervenções”. Por ser uma quantidade pouco expressiva, elas não estão

<sup>1</sup> Termo utilizado na Psicoterapia Analítico Funcional (FAP), desenvolvida por Robert J. Kohlenberg e Mavis Tsai (2001) a partir dos princípios do behaviorismo radical. A FAP é formulada pelo princípio do “aqui e agora”, considerando que a apresentação dos comportamentos-problema do cliente durante a sessão deve ser observada e conseqüenciada pelo terapeuta (Kohlenberg & Tsai, 2001).

subdivididas em classes de comportamentos menos abrangentes.

## DISCUSSÃO

As obras selecionadas como fonte de informação (Cardoso, 2011; Otero, 1997; Wielenska, 2015) são constituídas por informações que possibilitaram a proposição de nomes de classes de comportamentos constituintes da atuação do psicoterapeuta analítico-comportamental sobre comportamentos depressivos em contexto clínico. As classes de comportamentos foram nomeadas de forma a evidenciar não apenas as respostas a serem apresentadas pelo terapeuta analítico-comportamental, mas sobretudo de forma

a enfatizar a interação a ser estabelecida pelas respostas a serem apresentadas pelo psicoterapeuta com aspectos do ambiente antecedente e consequente a elas. A partir disso, há um aumento da clareza da interação entre os componentes do comportamento e, conseqüentemente, aumento na probabilidade de eficácia na intervenção em comportamentos depressivos, uma vez que a especificação de nomes de classes de comportamentos sugere as classes de estímulos sob controle das quais as respostas devem ficar e também quais são as possíveis conseqüências de tais respostas (Botomé, 2013; Cortegoso & Coser, 2011; Kubo & Botomé, 2001).

Tabela 8

*Exemplos de classes de comportamento constituintes da classe geral “Avaliar intervenção em comportamentos depressivos em contexto clínico”*

Classes de comportamento da classe geral “Avaliar intervenção”
Analisar a interação cliente/terapeuta no ambiente terapêutico
Avaliar diferentes possibilidades de compreensão de um caso clínico
Avaliar diferentes possibilidades de intervenção na condução de um caso clínico
Avaliar eficácia da intervenção a partir dos relatos do cliente
Avaliar evolução do caso
Avaliar os procedimentos terapêuticos
Identificar a função dos comportamentos de oposição à inércia no progresso da intervenção de comportamentos depressivos
Identificar as mudanças comportamentais promovidas
Registrar as mudanças comportamentais promovidas

Uma das decorrências da proposição dos nomes de classes de comportamentos constituintes da atuação do psicoterapeuta analítico-comportamental sobre comportamentos depressivos em contexto clínico consiste no aumento da probabilidade de ensino dessas classes de comportamentos em contextos formais de ensino (Cortegoso & Coser, 2011; Kienen et al., & Botomé, 2013; Vettorazzi et al., 2005). Em processos de ensinar e aprender (que, no caso da formação de psicoterapeutas analítico-comportamentos, ocorre sobretudo em cursos de graduação em Psicologia e, mais especificamente, em estágios e em cursos de formação), as classes de comportamentos propostas podem adquirir a função de comportamentos-objetivo de ensino (Kubo &

Botomé, 2001). A especificação de classes de comportamentos menos abrangentes e sua organização em categorias gerais possibilitam, por sua vez, o desenvolvimento dessas classes de comportamentos considerando seu grau de abrangência. Segundo vasta literatura produzida por analistas do comportamento (Cortegoso & Coser, 2011; De Luca, 2013; Kienen et al., 2013; Kubo & Botomé, 2001; Matos, 2001; Skinner, 1972), o ensino gradual, por meio do desenvolvimento de classes de comportamentos menos abrangentes e, posteriormente, as mais abrangentes, aumenta a eficiência e a eficácia do processo de ensino. Além disso, a especificação das classes de comportamentos possibilita avaliar o repertório

comportamental de psicoterapeutas em formação, o que viabiliza identificar lacunas existentes em tal repertório e, conseqüentemente, evidencia a necessidade de tais classes de comportamentos serem desenvolvidas ou adequar o processo de ensino conforme os aprendizes já sejam capazes de apresentar as classes de comportamentos (Botomé, 1997; Cortegoso & Coser, 2011).

Para que as classes de comportamentos propostas constituam efetivo recurso para orientar processos de ensinar e aprender relativos à atuação do psicoterapeuta analítico-comportamental sobre comportamentos depressivos em contexto clínico, a realização de algumas etapas consiste em possibilidades de avanço no conhecimento produzido, aumentando ainda mais a probabilidade de que sejam ensinadas em contextos de ensino, dentre elas organizar as classes de comportamentos propostas em âmbitos de abrangência, promovendo clareza a respeito das relações entre essas classes de comportamentos e sugerindo a necessidade de proposição de ainda outras classes de comportamentos (Botomé, 1997; Cortegoso & Coser, 2011; Kienen, 2008); analisar as classes de comportamentos por meio da especificação das classes de estímulos antecedentes, das classes de respostas e das classes de estímulos consequentes que as constituem (e.g., Cortegoso & Coser, 2011); planejar contingências para desenvolver as classes de comportamentos e propor sistemas de avaliação da eficiência e eficácia dessas contingências (e.g., Botomé & Rizzon, 1997; De Luca, 2013; Vettorazzi et al., 2005). As classes de comportamentos propostas constituem um recurso para orientar a capacitação de psicoterapeutas analítico-comportamentais para intervir em comportamentos depressivos em contexto clínico. Entretanto outras etapas são necessárias para aumentar ainda mais a probabilidade de ensino delas em contextos de ensino.

A maioria das classes de comportamentos propostas, porém, é constituinte das classes gerais “Planejar intervenção” e “Executar intervenção”. Essas duas classes representam, respectivamente, a organização (planejamento e identificação de antecedentes) e execução de estratégias, sendo, portanto, a intervenção propriamente dita. Essa ênfase pode ser decorrente das obras utilizadas como fonte de informação por serem obras com descrições de intervenções. Esse resultado também corrobora o amplo desenvolvimento de conhecimento acerca dos comportamentos depressivos e, assim, contribui para a produção de conhecimento na Análise do Comportamento em intervenção nesses comportamentos em contexto clínico. Assim os 305 nomes de comportamentos propostos nessas duas classes orientam os terapeutas analítico-comportamentais na intervenção clínica em comportamentos depressivos considerando as especificidades de cada caso.

Porém apenas 2% (9) dos nomes de classes de comportamentos propostos são constituintes da classe geral “Avaliar intervenção”, e nenhuma classe de comportamento constituía a classe geral “Aperfeiçoar intervenção”. Se essa escassez a respeito dessas duas classes gerais corresponder à atuação do psicólogo na clínica, duas situações deveriam ser verificadas: a real falta da apresentação de comportamentos constituintes dessas classes gerais pelos terapeutas analítico-comportamentais em contexto clínico e/ou a falta de ênfase a essas classes por professores de Análise do Comportamento ao ensinarem ou descreverem intervenções analítico-comportamentais sobre comportamentos depressivos. É possível supor o reflexo dessas lacunas na atuação profissional, já que tais classes gerais representam a avaliação da eficiência e eficácia das estratégias utilizadas e o seu aprimoramento (Kienen et al., 2003), o que representaria o aumento da qualidade da intervenção e da resolução dos problemas

relacionadas ao repertório comportamental dos sujeitos terapêuticos. A pouca quantidade de classes de comportamentos dessas duas categorias suscita o questionamento a respeito da ênfase na formação de terapeutas analítico-comportamentais para que eles sejam capazes de avaliar sua própria intervenção profissional e de aperfeiçoá-la. Caso isso efetivamente se concretize na atuação do terapeuta analítico-comportamental, é provável que tais terapeutas fiquem mais sob controle daquilo que eles próprios fazem (suas ações) do que no resultado de suas atuações, deixando de perceber pioras, estagnações ou mesmo melhoras dos quadros depressivos em relação aos quais desenvolvem atuações profissionais.

Outro aspecto evidenciado pela classificação dos 399 nomes de classes de comportamentos propostos a partir das obras selecionadas nas seis classes gerais constituintes da intervenção terapêutica consiste na ausência de classes de comportamentos relativas à classe geral “Comunicar descobertas”. Essa ausência pode ser explicada pelo fato de as classes de comportamentos serem propostas a partir de obras científicas que são constituídas pela análise de casos clínicos e pela descrição de estratégias terapêuticas. Ainda assim tais dados vão ao encontro de evidências na literatura de que os profissionais inseridos no mercado de trabalho priorizam a solução de queixas em relação à divulgação de conhecimento (e.g., Del Prette & Del Prette, 2008). Entretanto devido destaque deve ser dado a essa classe geral por professores de Análise de Comportamento ao planejar o ensino da intervenção analítico-comportamental em processos psicológicos em contexto clínico. O ensino dessa classe geral de comportamentos estabeleceria uma importante relação entre os prestadores de serviço, os professores, que podem orientar processos de ensinar e aprender com base na divulgação feita por prestadores de serviços, e os cientistas, que podem desenvolver processos de produção de conhecimento sobre os fenômenos com os quais os prestadores de serviço estão lidando em suas

práticas profissionais e, inclusive, sobre o próprio exercício profissional. Portanto a apresentação dessa classe representa o desenvolvimento da área do conhecimento e ampliação do campo de atuação profissional (Kienen et al., 2003; Mattana, 2004).

Uma decorrência da proposição de nomes de classes de comportamentos constituintes da atuação do psicoterapeuta analítico-comportamental sobre comportamentos depressivos em contexto clínico a partir das fontes de informação utilizadas constitui uma integração entre o conhecimento disponível e a atuação profissional. A suposta dicotomia entre teoria e prática é, portanto, desconstruída por meio dos resultados produzidos. Ao fazer uma análise textual de obras já existentes sobre comportamentos depressivos e, a partir delas, produzir dados empíricos que orientem a atuação na clínica analítico-comportamental e para a produção de novos conhecimentos na área, este estudo integra diferentes áreas de pesquisa em Análise do Comportamento (Tourinho, 1999). Apesar da pequena quantidade de referências cruzadas entre essas diferentes áreas de pesquisa, esse fator de inter-relação entre as áreas de pesquisa é apontado como essencial para o desenvolvimento adequado de conhecimento (Strapasson, Magalhães, & Custódio, 2013).

A caracterização das classes de comportamentos constituintes da intervenção terapêutica sobre comportamentos depressivos e a proposição das 399 classes de comportamentos a partir das obras selecionadas como fonte de informação contribui para a sistematização do conhecimento já desenvolvido e favorece os profissionais da Análise do Comportamento em seus campos de atuação. Considerando que a atuação de um psicoterapeuta é constituída por classes de comportamentos, há, portanto, necessidade de haver alto grau de clareza a respeito de quais classes de comportamentos constituem tal atuação profissional. Assim tal caracterização pode auxiliar – indiretamente – a

intervenção psicoterapêutica na depressão em contexto clínico e – diretamente – o planejamento do ensino de futuros terapeutas dessa perspectiva e o desenvolvimento de pesquisa, o qual pode ser realizado a partir da observação empírica das classes de comportamentos propostas ou pelo aprimoramento da caracterização das classes de comportamentos que constituem a atuação profissional de um terapeuta analítico-comportamental ao intervir em comportamentos depressivos em contexto clínico a partir de outras obras como fonte de informação.

## REFERÊNCIAS

- Abreu, P. R. (2006). Terapia analítico-comportamental da depressão: Uma antiga ou uma nova ciência aplicada? *Revista de Psiquiatria Clínica*, 33(6), 322-328. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832006000600005>
- Azevedo, L. A., Almeida, T. C., & Moreira, A. H. (2009). “O resfriado da psiquiatria”: A depressão sob o ponto de vista Analítico-Comportamental. *TransFormações em Psicologia*, 2(2), 65-85.
- Baptista, M. N.; Morais, P. R.; Calais, S. L., & Inocente, N. J. (2004). Depressão e burnout: Relações, similaridades e diferenças. In M. Z. S. Brandão, F. C. S. Conte, F. S. Brandão, Y. K. Ingberman, C. B. Moura, V. M. Silva, & S. M. Oliane (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Volume 14. Estendendo a psicologia comportamental e cognitiva aos contextos da saúde, das organizações, das relações pais e filhos e das escolas* (pp. 77-82). Santo André: Esetec.
- Bordignon-Luiz, F., & Botomé, S. P. (2017). Avaliação de objetivos de ensino de História a partir da contribuição da Análise do Comportamento. *Acta Comportamentalia*, 25(3), 329-346.
- Botega, N. J., Furlanetto, L., & Fráguas, R. (2002). Depressão no paciente acometido por outras doenças. In H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz, *Sobre comportamento e cognição: Volume 10. Contribuições para a construção da teoria do comportamento* (pp. 229-240). Santo André: Esetec.
- Botomé, S. P. (1997). *Um procedimento para encontrar os comportamentos que constituem as aprendizagens envolvidas em um objetivo de ensino* (Unpublished textbook). Universidade Federal de São Carlos, SP.
- Botomé, S. P. (1981). *Objetivos comportamentais no ensino: a contribuição da análise experimental do comportamento* (Unpublished doctoral dissertation). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Botomé, S. P. (2001). Sobre a noção de comportamento. In H. P. M. Freitas, & U. Zilles, *Filosofia: Diálogo de horizontes*. (pp. 697-708). Caxias do Sul: Educs.
- Botomé, S. P. (2013). O conceito de comportamento operante como problema. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(1), 19-46. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v9i1.2130>
- Botomé, S. P. & Rizzon, L. A. (1997). Medida de desempenho ou avaliação da aprendizagem em um processo de ensino: práticas usuais e possibilidades de renovação. *Chronos*, 30(1), 7-34.
- Campos, A. P. A. (2007). *Análise comportamental em depressivos* (Unpublished master's thesis). Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Cardoso, L. R. D. (2011). Psicoterapias comportamentais no tratamento da depressão. *Psicologia Argumento*, 29(67), 479-489.
- Cavalcante, S. N. (1997). Notas sobre o fenômeno depressão a partir de uma perspectiva analítico-comportamental. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 17(2), 2-12. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931997000200002>

- Cortegoso, A. L. (2007). Identificação e descrição de relações comportamentais na economia solidária. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(2), 246-265.
- Cortegoso, A. L. e Botomé, S. P. (2002). Comportamentos de agentes educativos como parte de contingências de ensino de comportamentos ao estudar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(1), 50-65. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000100007>
- Cortegoso, A. L., & Coser, D. S. (2011). *Elaboração de programas de ensino*. São Paulo: Edufscar.
- De Luca, G. G. (2008). *Características de componentes de comportamentos básicos constituintes da classe geral de comportamentos denominada "avaliar a confiabilidade de informações"* (Unpublished master's thesis). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- De Luca, G. G. (2013). *Avaliação da eficácia de um programa de contingências para desenvolver comportamentos constituintes da classe geral "avaliar a confiabilidade de informações"* (Unpublished doctoral dissertation). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2008). Significância clínica e mudança confiável na avaliação de intervenções psicológicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 497-505. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722008000400013>
- Delitti, M. (2000). Depressão: A solução depende de vários modelos teóricos? In R. R. Kerbauy (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Volume 5. Conceitos, pesquisa e aplicação, a ênfase no ensinar, na emoção e no questionamento clínico*. Santo André: Set.
- Dougher, M. J., & Hackbert, L. (2003). Uma explicação analítico-comportamental da depressão e o relato de um caso utilizando procedimentos baseados na aceitação. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(2), 167-184.
- Ferreira, D. C.; Tadaiesky, L. T.; Coêlho, N. L.; Neno, S., & Tourinho, E. Z. (2010). A interpretação de cognições e emoções com o conceito de eventos privados e a abordagem analítico-comportamental da ansiedade e da depressão. *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, 1(2), 70-85.
- Ferreira, D. C., & Tourinho, E. Z. (2011). Relações entre depressão e contingências culturais nas sociedades modernas: Interpretação analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 13(1), 20-36.
- Hunziker, M. H. L. (1997). O desamparo aprendido e a análise funcional da depressão. In: D. R. Zamignani (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Volume 3. A aplicação da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental no hospital geral e nos transtornos psiquiátricos*. São Paulo: Arbytes.
- Hunziker, M. H. L. (2006). Estudo experimental da depressão. In H. J. Guilhardi, & N. C. Aguirre (Orgs.) *Sobre comportamento e cognição: Volume 18. Expondo a variabilidade*. Santo André: Esetec.
- Kienen, N. (2008). *Classes de comportamentos profissionais do psicólogo para intervir, por meio de ensino, sobre fenômeno e processos psicológicos, derivadas a partir das diretrizes curriculares, da formação desse profissional e de um procedimento para decomposição de comportamentos complexos* (Unpublished doctoral dissertation). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

- Kienen, N., Botomé, S. P., Kubo, O. M., Mattana, P. E., & Shimbo, I. (2003). Processos comportamentais básicos como objetivos gerais, ou classes gerais de comportamentos, ou competências para a formação do psicólogo. In *XII Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental*. Londrina: ABPMC.
- Kienen, N., Kubo, O. M., & Botomé, S. P. (2013). Ensino programado e programação de condições para o desenvolvimento de comportamentos: Alguns aspectos no desenvolvimento de um campo de atuação do psicólogo. *Acta Comportamentalia*, 21(4), 481-494.
- Kozasa, E. H.; Little, S., & Souza, I. C. W. (2015). Programa de Redução de Estresse Baseado em Mindfulness. In P. Lucena-Santos, J. Pinto-Gouveia, & M. S. Oliveira, *Terapias comportamentais de terceira geração: Guia para profissionais* (pp. 104-126). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (2001). *Psicoterapia Analítica Funcional* (F. Conte, M. Delliti, M. Z. Brandão, P. R. Derdyk, R. R. Kerbauy, R. C. Wielenska, R. A. Banaco, & R. Starling, Trans.). Santo André, SP: Esetec. (Original work published 1991)
- Kubo, O. M., & Botomé, S. P. (2001). Ensino-aprendizagem: Uma interação entre dois processos comportamentais. *Revista Interação em Psicologia*, 5(1), 133-170. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v5i1.3321>
- Lamonato, C. (2011). *Comportamentos profissionais de empregados em período de experiência objeto de avaliação de desempenho em uma agroindústria* (Unpublished master's thesis). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Lôbo, D. F. V.; Vilarinho-Rezende, D., & Alencar, I. C. (2015). A utilização de recursos terapêuticos na terapia analítico-comportamental da depressão: Promovendo variabilidade comportamental. In A. C. C. P. Bittencourt, E. C. A. Neto, M. E. Rodrigues, & N. B. Araripe, *Depressão: Psicopatologia e Terapia Analítico-Comportamental* (pp. 79-101). Curitiba: Juruá.
- Luiz, E. C. (2008). *Classes de comportamentos componentes da classe "projetar a vida profissional" organizadas em um sistema comportamental* (Unpublished master's thesis). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Luiz, F. B. (2013). *Classes de comportamentos-objetivo de aprendizagem de história derivadas de documentos oficiais* (Master's thesis). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Matos, M. A. (2001). Análise de contingências no aprender e no ensinar. In E. M. L. S. de Alencar (Org.), *Novas contribuições da Psicologia aos processos de ensino e aprendizagem* (pp. 141-165). São Paulo: Cortez.
- Mattana, P. E. (2004). *Comportamentos profissionais do terapeuta comportamental como objetivos para sua formação* (Master's thesis). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Meyer, S. (2003). Análise Funcional do Comportamento. In C. E. Costa, J. C. Luzia, H. H. N. Sant'anna (Orgs), *Primeiros passos em análise do comportamento e cognição*. São André: Esetec.

- Nale, N. (1998). Programação de ensino no Brasil: O papel de Carolina Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 275-301. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641998000100058>
- Nale, N., & Drachenberg, H. B. (1992). Integração de uma disciplina ao currículo: Análise de um programa de ensino de biologia implementado em curso de graduação de psicologia. *Vertentes: Revista de Psicologia*, 2(2), 17-50.
- Nascimento, A. R., & Gusso, H. L. (2017). Classes de comportamentos profissionais de pais sociais identificadas em literatura por meio de análise comportamental. *Revista Interação em Psicologia*, 21(1), 39-54. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v21i1.46287>
- Nico, Y.; Leonardi, J. L., & Zeggio, L. (2015). *A depressão como fenômeno cultural da sociedade pós-moderna – Parte 1: Um ensaio analítico-comportamental dos nossos tempos*. São Paulo: Creative Commons.
- Organização Mundial da Saúde (2012). *Depression: Fact sheet n° 369*. Retrieved from <http://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/depression>
- Otero, V. R. L. (1997) Análise funcional de um caso clínico de depressão. Em: Delitti, M. *Sobre comportamento e cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental* (Vol. 2, pp. 195-202). São Paulo: Arbytes.
- Rocha, L. B. (2017). *Análise do comportamento e formação de pedagogos: contribuições a partir do exame das diretrizes curriculares nacionais* (Master's thesis). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.
- Skinner, B. F. (1972). *Tecnologia do ensino*. São Paulo: EPU.
- Skinner, B. F. (1984). *Contingências do reforço: Uma análise teórica*. (R. Moreno, Trans.). São Paulo: Abril Cultural. (Original work published 1969)
- Strapasson, B. A.; Magalhães, F. G., & Custódio, J. K. (2013) Comunicação entre a pesquisa básica, aplicada e teórica na análise do comportamento no Brasil: Uma análise bibliométrica. *Revista Interação em Psicologia*, 17(1), 117-128. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v17i1.26496>
- Tourinho. E. Z. (1999). Estudos conceituais na análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 7(3), 213-222.
- Ullmann, L. P., & Krasner, L. (1965). *Case studies in behavior modification*. New York: Halt, Rinehart and Winston. (In process of translation by G. G. de Luca, H. L. Gusso, S. P. Botomé, & O. M. Kubo)
- Vandenberghe, L., & Sousa, A. C. A. (2006). Mindfulness nas terapias cognitivas e comportamentais. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2(1), 35-44. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20060004>
- Vettorazzi, A.; Frare, E.; Queiroz, F. P.; De Luca, G. G.; Moskorz, L., & Kubo, O. M. (2005) Avaliação de um programa para ensinar comportamento empático para crianças em contexto clínico. *Revista Interação em Psicologia*, 9(2), 355-369. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v9i2.4780>
- Viecili, J. (2008). *Classes de comportamentos profissionais que compõem a formação do psicólogo para intervir por meio de pesquisa sobre fenômenos psicológicos, derivadas a partir das diretrizes curriculares nacionais para cursos de graduação em psicologia e da formação desse profissional* (Unpublished master's thesis). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Wielenska, R. C. (2001) Análise funcional da depressão (ou: a qual fenômeno estamos mesmo nos referindo?). In R. C. Wielenska, (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Volume 6. Questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas em outros contextos* (pp. 282-294). Santo André: Esetec.

Wielenska, R. C. (2015) Terapia Analítico-Comportamental da depressão. In A. C. C. P. Bittencourt, E. C. A. Neto, M. E. Rodrigues, & N. B. Araripe. *Depressão: Psicopatologia e Terapia Analítico-Comportamental* (pp. 57-62). Curitiba: Juruá.

Recebido em 30/10/2017  
Revisado em 27/12/2017  
Aceito em 09/05/2018